



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 28 de julho de 2018



Intervalo (da série *Guruê*) | 2014 | Filipe Branquinho

DECLARAÇÃO DE GUERRA 2

Vasco Luís Curado

Chamado para a tropa em 1969, a minha especialidade foi em Operações Especiais. Em Santa Margarida, preparei um grupo de combate. Eu e o meu grupo de 25 homens fomos para a Guiné. Fiz muita guerrilha e saídas para o mato. Éramos Rangers, bem preparados. Fazíamos segurança à volta dos aldeamentos novos, com casas de adobe onde eram instaladas populações guineenses, para estarem mais longe dos terroristas e mais perto de nós. Os políticos chamavam a isso reordenamento.

Foram dezoito meses de atividade no mato, até ser ferido em Contabane. Tínhamos informação de que o PAIGC viria destruir um dos novos aldeamentos nativos. Iríamos emboscar essa força inimiga.



Assumi o comando de um grupo de combate cujo alferes estava doente, levava comigo ainda cinco elementos do meu próprio grupo e dez milícias africanos que conheciam o terreno, num total de quase 40 homens. Estávamos a avançar, ao lado da picada, para evitar as minas. Eu tinha comigo quatro ou cinco granadas de mão e uma *Winchester* de canos serrados, que fazia um disparo mais disperso. Ia assim armado porque eu era sempre o primeiro branco do grupo. Vi os milícias fugirem para trás. Pouco depois, deu-se o encontro: vejo um guerrilheiro a ajustar o lança-granadas RPG-7 à minha cara, disparei a *Winchester*, devo tê-lo apanhado, mas ele também disparou, a granada bate ao meu lado no chão... levei com estilhaços que me desfizeram a coxa esquerda, tive estilhaços também na coxa e no braço direitos. O meu camuflado estava desfeito, queimado. Não vi os ferimentos, um soldado é que me disse: “Está todo fodido, meu alferes.” Então, vi que sangrava, os tecidos da minha coxa arrastavam no chão, toquei o osso. O soldado fez-me um garrote. *Eles* mandaram mais duas ou três roquetadas contra nós, eu e três soldados escondemo-nos no capim, afastados uns dos outros. O inimigo ia batendo o terreno, a fechar o cerco, eu ouvia-os a bater com as mãos para encaixar os carregadores das *Kalashnikovs*. Sabia que eles não faziam prisioneiros. Tinha comigo uma granada descavilhada, eu morria mas matava alguns. Estive umas duas horas assim, com perda de sangue, a segurar a granada, sem forças quase para a segurar. O estar cercado e a certeza de que ia morrer, a certeza de uma morte que estava por minutos... A nossa Força Aérea bombardeou, foi o que nos valeu. Eram os *Fiat*, lembro-me de ver os disparos, largavam bombas de 250 quilos. Da Aldeia Formosa batiam também a zona com morteiros 10.7, porque achavam-me morto e faziam o maior estrago que pudessem. Até que apareceram as nossas tropas para virem buscar o meu cadáver. Encontraram-me dois soldados do meu grupo de combate, que tinham ficado no quartel. Tiraram-me a granada da mão, eu estava prestes a desmaiar. Fui evacuado de helicóptero para Bissau no mesmo dia. No helicóptero apaguei por completo, não me lembro de nada. Soube mais tarde que a força inimiga era de 150 homens; não contávamos que fosse tão grande, só cheguei a ver dois ou três. Eu podia ter levado os meus homens para um sarilho muito grande, fui voluntário para esta operação, culpo-me a mim próprio por isso. Dizem que eu era demasiado disponível para a maioria das operações da companhia. Fui operado, estive cinco meses internado, até ao fim da comissão. Uma semana antes de vir, fui visitar as comunidades nativas das aldeias.

Tenho um louvor do brigadeiro-general do comando territorial da Guiné, que enaltece as minhas qualidades militares e de chefia, a minha ação combativa, o cumprimento do dever durante a operação de que resultou o ferimento grave.



Em Lisboa, desmobilizado, retomei o curso de Engenharia Agrónoma. Hoje sou engenheiro silvicultor reformado.

Nos primeiros tempos após regressar, na minha aldeia natal, acordava a meio da noite para apalpar a parede, às escuras, à procura da *Winchester*. Apareceram-me picos de ansiedade, que eu julgava ser cansaço por dormir mal. Há vinte anos, começaram crises de choro e sentimentos de tristeza profunda. Tomo medicamentos. Tenho pesadelos, a minha mulher diz que dou esticções durante o sono. Quando trabalhava nos serviços florestais, demitia-me dos cargos de três em três ou de quatro em quatro anos, por cansaço, aborrecimento, ansiedade, insónias, crises de choro, um sentimento profundo de tristeza sobretudo de manhã. Eram ciclos de cansaço que me obrigavam a demitir-me, tinha baixas para descansar, licenças sem vencimento por dois, três meses.

É raro dormir quatro horas. Se acordo com um pesadelo, levo umas duas horas para tornar a adormecer. À mesa, sento-me de costas para a parede, sobretudo à noite. No cinema, sento-me na última fila. Desde que voltei do Ultramar, quando estou sozinho em casa, durmo com um revólver à cabeceira. Tenho um casamento ótimo. Tenho dois filhos, uma filha de 28 anos ainda mora connosco, vai-nos amparando. Moramos numa quinta florestal, como é tradição de família. Tenho amigos, mas não cultivo atividades com eles. Ocupo o tempo com os meus netos, leitura, caminhadas.

Vasco Luís Curado é escritor e psicólogo. O seu romance *O País Fantasma* (Publicações Dom Quixote, 2015) retrata a sociedade colonial, a guerra e a independência de Angola.